

I

O navio bananeiro



---

Passamos pela mansão do miúdo Polski e entramos na estrada principal. Durante os oito quilômetros que dirigiu até Northampton, o Pai não parou de falar a respeito de selvagens e de como os Estados Unidos eram horríveis — de como se transformaram em uma perigosa e supurada área de consumo de drogas, trancas nas portas, carneiros raivosos, milionários criminosos e gente corrupta. E olhe as escolas. E olhe os políticos. Não havia um diplomado em Harvard que conseguisse trocar um pneu furado ou fazer dez flexões. E na cidade de Nova York havia indivíduos que se alimentavam de comida para cães e que matariam por qualquer dinheiro trocado. Isso era normal? Se não era, por que todo mundo aguentava aquilo?

— Não sei — disse ele, respondendo a si mesmo. — Só estou pensando em voz alta.

Antes de sair de Hatfield, ele parara a picape — voltada para o sul — em uma elevação da estrada.

— Lá vêm os selvagens — disse. E lá vinham eles, saindo de trás de um grupo de árvores e cruzando os campos que cercavam os celeiros de Polski, em meio a um calor úmido e viscoso. Eram escuros e vestiam trapos. Muitos tinham trapos amarrados às cabeças, outros usavam chapéus de abas largas. Eram homens e meninos, alguns da minha idade, todos empunhando facas compridas.

O Pai estava apontando, e seu dedo me assustava mais que os homens. A ponta do indicador fora decepada a partir da falange medial, e o toco rombudo, com suas dobras de pele costurada e horríveis cicatrizes, indicava apenas de modo aproximado a direção correta.

— Por que se dão o trabalho de vir para cá? — disse ele. — Dinheiro? Mas como poderia ser dinheiro?

Ele mastigava as perguntas, juntamente com o charuto. Já se passara a metade da manhã, quente demais para

Massachusetts, em maio. O vale tinha um aspecto crestado, naquela primavera seca, e as valas rasas fumegavam como estreme fresco. Em sulcos rasgados no solo, viam-se diminutos penachos de milho-maravilha.\* Não se ouvia o canto dos pássaros. Os campos de aspargos, para onde os homens se dirigiam, estavam lisos e marrons, como se alguém tivesse removido a cobertura de mato verde e nivelado a terra calva com um rolo compressor.

O Pai abanou a cabeça. Soltou o freio e cuspiu pela janela. Disse:

— Não é por dinheiro, de jeito nenhum. Hoje em dia um dólar só vale vinte centavos.

Mais além de Hatfield e da casa de Polski, no alto do vale, assomavam muralhas de árvores frondosas — algumas claras como espuma de limonada, outras escuras e protuberantes —, densos arbustos e paliçadas de ramagens pontiagudas, que se enquadravam perfeitamente no que eu imaginava ser mata fechada. Algumas horas antes, ao acordarmos, gotas de orvalho frio e cintilante cobriam o chão. Eram como gelo de verão, pensei. Meu hálito se condensava em nuvens de vapor. Havia bolsões de nuvens no céu. Agora o sol estava alto, enchendo o vale de luz e calor, abrasando aqueles homens e os transformando em esqueléticos demônios.

Talvez fosse por isso que, embora eu já tivesse visto aqueles homens — os selvagens, naquele mesmo lugar, e próximos o bastante para notar as marcas negras impressas pelo sol em suas peles curtidas —, a visão deles me deixara tão alarmado quanto o dedo do Pai.

— Este lugar é uma latrina — disse ele, enquanto entrávamos em Northampton. Usava um boné de beisebol e dirigia com o cotovelo para fora da janela. — Não é por causa das garotas da faculdade, apesar de já serem bem ruins. Olhe lá aquela gorducha, veja só o tamanho dela. É tão grande que onze iguais a ela somam uma dúzia. Mas isso é gordura, não é saúde. São os cheeseburgers. — Colocou a cabeça para fora da janela e berrou: — São os cheeseburgers!

---

\* *Wonder corn* ou *white wonder corn* — uma variedade de milho, muito resistente e produtiva, desenvolvida nos Estados Unidos. (N. do T.)

---

Seguindo pela Main Street (“São todos uns drogados”), passamos por um posto de gasolina. O Pai bradou contra o preço da gasolina. DOIS MORTOS EM TIROTEIO, dizia uma manchete em uma banca de jornais. Ele disse:

— Jornais vagabundos!

A simples palavra *Antiquário*, no letreiro de uma loja, deixou-o irritado. E, próximo à loja de ferragens, havia uma máquina automática que vendia gelo em sacos.

— Eles vendem gelo, dois quilos e meio por meio dólar. Mas a água é tão grátis quanto o ar. Esses malucos estão vendendo água! Água é a nova indústria em expansão. Água mineral, água da fonte, água gasosa. Grande novidade: água faz bem para você! Cerveja de baixa caloria... sabe o que tem dentro dela? Sabe por que não engorda? Sabe por que custa mais que a cerveja comum? Água!

Cada vez mais mal-humorado, seguiu em frente, à procura de uma vaga para estacionar. Finalmente encontrou uma, onde alguém deixara o parquímetro com tempo sobrando. Ocupou a vaga, e caminhamos até a loja de ferragens.

— Quero um rolo de selante de borracha, com reforço de espuma — disse o Pai. Enquanto o homem se afastava para buscar o produto, ele falou: — Deve ser por isso que a gasolina é tão cara. Colocam água nela. Não acredita? Se você acha que existe moralidade no comércio — eu não dissera nada —, então talvez possa explicar por que dois terços da carne inspecionada pelo governo contêm quantidades substanciais de nitratos, que provocam câncer, e junk food, isso está comprovado, não tem nenhum valor nutritivo...

O funcionário da loja retornou com um rolo de borracha e o entregou ao Pai, que o examinou e o devolveu.

— Não quero isso — disse ele.

— Mas é o que o senhor me pediu — falou o homem.

O rosto do Pai assumiu uma expressão piedosa:

— Você por acaso trabalha para os japoneses?

— Se o senhor não quer, basta dizer.

— Eu disse, cara. Isso foi feito no Japão. Eu não quero que o meu dinheirinho suado se transforme em divisas para esses filhos do Sol Nascente. Não vou financiar outra geração de camisas. Quero selante de borracha americano, um rolo, com reforço

de espuma... *Você trabalha aqui?*— e começou a xingar, porque o homem havia se afastado e começara a atender outro cliente.

O Pai encontrou a vedação de borracha que procurava em uma loja menor, numa rua afastada. Mas, ao retornarmos à picape, estava tendo ataques, pensando no que deveria ter dito na primeira loja.

— Eu deveria ter dito *sayonara* e feito um escândalo.

Um policial estava debruçado em nosso parquímetro, com as mãos pousadas sobre ele e o queixo descansando nos dedos, como um garimpeiro apoiado no cabo da pá. Olhou para o Pai e chegou a esboçar um sorriso de boas-vindas; ao me ver, mordeu os lábios.

— Ele não deveria estar na escola?

— Está doente — disse o Pai, sem diminuir o passo.

O policial seguiu o Pai até a porta da picape, enfiou os polegares no cinto do revólver e disse:

— Espere. Então, por que ele não está de cama?

— Com uma infecção *fúngica*?

Eu já estava sentado no carro. O policial abaixou a cabeça e olhou para mim.

— Vamos, Charlie, mostre a ele, já que não acredita em mim. Tire o sapato. Deixe-o dar uma cheirada.

Puxei os cordões do tênis, e o policial disse:

— Esqueça.

— Não peça desculpas — falou o Pai, sorrindo para o policial. — A polidez é um sinal de fraqueza. E não ajuda a combater o crime.

— O que você disse? — O policial apertou os lábios e ficou plantado ali. Estava furioso. Era um homem grande e parecia desconfiado.

Mas o Pai ainda estava sorrindo.

— Eu estava pensando em voz alta.

Não disse mais nada até regressarmos à estrada de Hatfield.

— Você teria mesmo tirado os tênis e mostrado ao policial os seus saudáveis dedinhos?

— Foi o que você me pediu para fazer — respondi.

— Certo — disse ele. — Mas que país é esse, que transforma lojistas em traidores e homens honestos em mentirosos?

---

Ninguém nunca pensa em sair do país. Eu penso nisso todos os dias, Charlie!

Ele continuou a dirigir.

— E sou o único a pensar nisso, porque sou o último homem!

\*\*\*

Assim era nossa vida, entre a fazenda e a cidade. O Pai gostava de trabalhar na fazenda do miúdo Polski, mas a cidade lhe provocava acessos de raiva. Por isso, mantinha-me fora da escola — Jerry e as gêmeas, também.

— Eles são da selva. Trabalhadores migrantes. Eram felizes e não sabiam. Eu trocava de lugar com eles. Eles pensam que aqui é o paraíso. Não deveriam nunca ter vindo para cá.

Havia um ano, o Pai inventara uma bomba de água para Polski. Tinha uma haste sensível, que penetrava na terra como uma raiz. Quando o solo estava seco, um cabo ativava um comutador, que acionava a bomba. O Pai, um inventor, era um verdadeiro gênio com qualquer dispositivo mecânico. “Nove patentes”, ele gostava de dizer. “Seis pendentes.” Ele se vangloriava de ter abandonado Harvard, para poder ter uma boa educação. Tinha mais orgulho de seu primeiro emprego, como zelador, do que de sua bolsa de estudos naquela universidade. Inventara um esfregão mecânico — a gente o segurava firme e ele serpenteava pelo chão; depois se comprimia e secava sozinho. Usar aquele esfregão era como dançar com uma mulher sem cabeça, dizia ele. Ele chamava o invento de A Mulher Silenciosa. O que mais lhe agradava era esmiuçar coisas, até mesmo a Bíblia. Dizia que ela era como um manual de instruções para um invento inacabado. Costumava dizer, também, que a Bíblia era como uma região selvagem. Uma das teorias do Pai era a de que havia partes da Bíblia que ninguém jamais lera, assim como havia partes do mundo onde ninguém jamais pisara.

— Você acha ruim? Pode ser tudo, menos isso. São os *espaços vazios* que irão nos salvar. Nada de maricas, policiais, vigaristas, assaltantes, cheiradores de cola, ou sprays de aerossol. Eu não estou desorientado como eles. — E apontou para os selvagens. — Sei onde está a saída.

Apalpando as diferentes partes da bomba de água, como um médico procurando inchaços em um bebê, não parava de falar sobre *espaços vazios* e selvagens. Levantei os olhos e vi os selvagens. Pareciam estar rastejando para fora da região bravia que ele acabara de descrever. Ficamos observando, enquanto se dirigiam às colinas; embora eu soubesse que iam somente colher aspargos, parecia que estavam à procura de dedos para decepar.

— Eles vêm do lugar mais seguro do planeta, a América Central. Sabe o que existe lá? Energia geotérmica. Todo o combustível de que necessitam está a mil e quinhentos metros abaixo da terra. É o umbigo do mundo. Por que eles vêm para cá?

E lá iam eles, os selvagens, encurvados e bamboleantes. Tinham sapatos enormes e cabeças minúsculas, enterradas nos ombros. Ao passar pelo bosque, assustaram os corvos, deflagrando um concerto de grasnidos. Então, como luvas negras sacudidas de um varal, os pássaros se espalharam, voando de costas, enfunando a plumagem a cada batida de asas.

— Não existe tevê no lugar de onde eles vieram. Nem esses vídeos nipônicos vagabundos. Passe-me aquela lata de óleo. Aqui a natureza é jovem. Mas o ecossistema dos trópicos é imensamente antigo, e não mudou desde o início do mundo. Por que eles acham que temos as respostas? Fé, é isso o que você está dizendo? Será que a fé é só tocar “Venha a Jesus” em lá bemol?

Ele encaixou a chave inglesa na rosca de um tubo saliente, encostou o bico da lata de óleo na junção do tubo e deu uma esguichada; depois, retirou-o com ambas as mãos, e suspirou.

— Não, senhor. Fé é acreditar em alguma coisa que você sabe que não é verdade. Ha!

Colocou o dedo amputado em um orifício na caixa da bomba, de onde gotejava um líquido ferruginoso, e retirou uma válvula de latão, provocando um jorro de água.

— Você não pode beber água no lugar de onde vêm estes selvagens. Está cheia de bichos. Minhocas. Mato. Eles não têm discernimento suficiente para fervê-la e purificá-la. Nunca ouviram falar de filtros. Os germes penetram em seus corpos, eles ficam verdes como a água e morrem. Os outros chegam à conclusão de que lá não é bom; aranhas do tamanho de cachorros, mosquitos, cobras, enchentes, pântanos, jacarés. Não fazem

a menor ideia do que seja energia geotérmica. Por que mudar as coisas, quando você pode vir para cá e se perverter? Quero os refugos ordinários de sua sociedade rica. Tome uma Coca, assista televisão, pegue o seguro-desemprego, ganhe dinheiro sem trabalhar. Entre para o crime. O crime compensa neste país, ladrões viram pilares da comunidade. Todos vão acabar roubando bolsas e assaltando.

A água estava jorrando da bomba; os circuitos internos clicavam e mediam a vazão.

— Vou parar de ir a Northampton. É deprimente demais. Estou farto de encontrar gente que quer as coisas que eu já tive e rejeitei. Sempre tive todos os dólares que quis, Charlie. Para não falar de estudos. Aquele tira de hoje de manhã tem instrução, aquele caça-gazeteiros, mas tudo o que ele quer é o que aparece na tevê. Não contaria com aquele sujeito nem para comprar sanduíches! Eu tive tudo isso, o que as pessoas anseiam. Não funciona, e é irritante ouvir os ignorantes elogiarem essas coisas.

Ele sorriu para mim. Disse:

— É um mundo imperfeito.

Sorriu para o dedo amputado.

— O que os russos estão fazendo enquanto essas pessoas assistem tevê? Estão fazendo experiências muito interessantes com a água. Retiram todo o gás, inclusive o oxigênio e o nitrogênio. Quando terminam, colocam a água em vidros esterilizados, como se fosse pêssego em calda. Deixam a água repousar por algum tempo. Então, usam essa água para regar plantas, e elas crescem duas ou três vezes mais rápido; grandes monstros saudáveis. Os feijões crescem mais que seus suportes, as abóboras ficam do tamanho de balões e as beterrabas, de bolas de vôlei.

Ele apontou para a água.

— Estou só pensando em voz alta. O que você acha? Acha que há alguma coisa errada com a chuva? Diga alguma coisa.

Eu disse que não sabia.

— Acha que alguém deveria conversar com Deus sobre a reformulação do clima? Vou lhe dizer uma coisa, Charlie, este é um mundo imperfeito. E os Estados Unidos estão paralisados.

Ele colocou a mão em concha sob o jorro que saía do tubo e a levou à boca, sorvendo o líquido ruidosamente.

— Isso é como champanhe para aqueles selvagens.

Estalando os lábios, fez aquilo parecer uma bebida maravilhosa.

— Coisas que a gente nem repara, como gelo, por exemplo. Eles não têm isso no país deles. Se vissem um cubo de gelo, provavelmente iriam pensar que era um diamante ou uma pedra de algum tipo. Não parece o fim do mundo, a falta de gelo. Mas pense nisso. Imagine os problemas que eles têm porque não dispõem de refrigeração adequada.

— Talvez eles não tenham eletricidade — comentei.

O pai disse:

— É claro que não têm. Estamos falando de selva, Charlie. Mas você pode ter refrigeração sem combustível. Tudo o que precisa é de sucção. Consiga um vácuo e você tem refrigeração. Escute, você pode obter gelo de fogo.

— Por que eles não sabem disso?

— Não tem como eles saberem — disse ele. — Por isso são selvagens.

Começou a remontar a bomba. Falou:

— Devem ter todos os tipos de doenças. — Fez um gesto com a chave inglesa na direção que os homens tinham seguido. — Eles... têm doenças.

Parecia sentir, ao mesmo tempo, fascinação e repulsa por aqueles homens. E me transmitia esses sentimentos, contando-me algo interessante e me fazendo algum alerta, logo depois, para que eu não ficasse muito interessado. Eu me perguntava como ele sabia tudo aquilo sobre os indivíduos a que chamava de selvagens. Ele afirmava que era por experiência própria, por ter vivido em lugares selvagens, entre povos primitivos. Usava a palavra *selvagens* com afeição, como se, por serem assim, gostasse um pouco deles. O respeito pelas coisas selvagens estava em sua natureza. Ele achava que tinha as respostas para a maioria dos problemas, se alguém se dispusesse a escutá-lo.

Os corvos retornaram ao bosque, voando em direção às copas das árvores, que circundaram cautelosamente, antes de pousar. Eu disse:

— Esses homens são perigosos?

---

— Não tão perigosos quanto o americano médio — disse ele. — E só quando ficam furiosos. Você sabe que eles estão furiosos quando sorriem, esse é o sinal, como cães.

Virou-se para mim, com um largo sorriso. Eu sabia que ele queria que fizesse mais perguntas.

— E o que eles fazem?

— Viram animais. Matadores. Os animais dão uma espécie de sorriso antes de morder você.

— Esses homens mordem?

— Vou lhe dar um exemplo. Sabe como eles fazem isso? Como matam você? Pois eu lhe digo, menino Charlie. Eles arrancam tudo de dentro de você.

Senti-me como se garras afiadas estivessem puxando meu escalpo.

— Por isso, é preciso coragem para ir até lá. Não só vontade, mas coragem de verdade. Quem é que tem isso?

Trabalhamos ao ar livre até que o céu adquirisse a cor da chama de um fogareiro. Depois, fomos para casa jantar.

— Reconheça — disse o Pai —, isso é bem melhor que escola.